



A FOTOGRAFIA COMO ARTE CONTEMPORÂNEA

Keller Regina Viotto Duarte*

Com 248 páginas, 243 ilustrações, sendo 207 em cores, distribuídas em 8 capítulos, a curadora britânica Charlotte Cotton vem mostrar como a fotografia tem se tornado objeto central no cenário artístico contemporâneo.

Desde as últimas décadas do século XX, e principalmente nesta primeira década do século XXI, a fotografia vem ocupando seu lugar no espaço da arte, seja ela realizada por fotógrafos que passam a frequentar esses espaços ou por artistas que passam a usá-la como meio, como linguagem para tornar imagem visual suas ideias, seus pensamentos e experimentos.

Em *A fotografia como arte contemporânea*, a curadora reúne artistas fotógrafos e suas produções no intuito de demonstrar o que motiva a produção artística e como esta ocorre, evidenciando o que a qualifica como tal.

Nesse contexto, cabe destacar a presença do corpo humano vivo como objeto que compõe a cena integrada ao cenário produzido para ser fotografado, em contraposição às produções em que fica evidente a ausência do corpo humano em ambientes interiores ou exteriores que refletem a ocupação humana.

A autora constrói seu texto num misto de descrição narrativa da imagem, interpretações pessoais, análises que vão desde a composição formal até a subjetividade do pensamento do artista transposto para a forma coreografada por este e encenada pelos corpos que são fotografados.

Os capítulos são organizados numa distribuição temática, agrupando e evidenciando o processo criativo desses artistas-fotógrafos ou fotógrafos-artistas.

Desse modo, no primeiro capítulo, "Se isto é arte", a autora percorre um caminho oscilando entre fotografias e fotógrafos contemporâneos e produções artísticas do início do século XX, fotográficas ou não, como no caso de Marcel Duchamp, com *Fonte*, de 1917, em que o objeto em si apresentado por Duchamp é de natureza tridimensional; no entanto, a resultante da imagem fotográfica da obra original ainda repercute no cenário artístico até a atuali-

* Graduada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e mestra e doutoranda em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Professora no curso de Publicidade, Propaganda e Criação da UPM.

dade. Fica evidente também o processo criativo desses artistas-fotógrafos que iniciam suas produções com o planejamento da ideia criativa, desenvolvendo-a e tendo a imagem fotográfica como obra de arte, valendo-se de influências da arte conceitual dos anos 1970. O corpo humano tem sido suporte para inscrever significados culturais e políticos e ainda permite a construção poética do artista, como é o caso de um dos grupos artísticos chineses, conhecido como Beijing East Village, que tem forte influência da *performance* e da pintura "num ambiente político em que a atividade artística de vanguarda era banida" (p. 24). Com a fotografia de Zhang Huan, *Para subir o nível da água num pescueiro*, de 1997, o artista-fotógrafo registra um instante eternizado da *performance* encenada para ser fotografada.

No segundo capítulo, "Era uma vez", reúnem-se fotografias de quadros vivos (*tableau-vivant photography*), imagens que evidenciam a narrativa de uma história, geralmente com referência a contos de fadas, lendas urbanas e mitos modernos. Com forte influência da pintura figurativa, esse conjunto de imagens também se destaca pelo planejamento detalhado tanto da cena a ser fotografada como do posicionamento do equipamento fotográfico, caracterizando as encenações artificiais construídas para a fotografia. Ao retomarem cenas, temas, gestos recorrentes da história da arte, esses fotógrafos dialogam e atualizam a produção artística.

O terceiro capítulo, cujo título é "Inexpressivas", destaca a produção artística fotográfica da última década. Como já nomeado no título, esse capítulo apresenta imagens frias, paisagens desérticas ainda que urbanas, um olhar distanciado, e quando o corpo humano é o objeto da cena, este apresenta sujeitos anônimos, corpos parados diante da câmera, verticais, se deixam ser fotografados na indiferença do corpo nu ou vestido. Nesse capítulo, vale destacar as fotografias de Rineke Dijkstra, de 1994, que fotografa as mães com seus filhos recém-nascidos nos braços, e o impacto da maternidade sobre o corpo feminino.

Mais do que os próprios corpos, os vestígios humanos, representados por objetos deixados no ambiente, são apresentados nas fotografias reunidas no quarto capítulo, "Alguma coisa e nada", no qual a autora apresenta a produção fotográfica caracterizada pela natureza-morta, ou melhor, por recorte de cenas, detalhes de objetos ou lugares, argumentando e contextualizando sobre essa produção, e ainda destaca como essas imagens podem transformar nossa percepção da vida diária. O inacabado, porém ainda vibrante, se apresenta nessas fotografias. Com a fotografia *Terno*, de 1997, Wolfgang Tilmans nos remete ao "terno de Beuys", pela cor, pela verticalidade, mas atualiza o modelo mais descontraído, amassado, talvez já usado e deixado. A plasticidade e dramaticidade dessas imagens incluem-nas nesse reservado espaço da arte, nesse caso, da fotografia como arte contemporânea.

"Vida íntima" é o título do quinto capítulo. A fotografia artística contemporânea reserva um lugar privilegiado para esse tema, que traduz muitas vezes a exposição da intimidade, duas palavras que contrastam por oposição e nunca foram tão associadas como nos últimos anos, modificando comportamentos e valores culturais. Da linguagem da fotografia domés-

tica e dos instantâneos de família para uma exposição pública. Expostos pelos meios de comunicação, como a televisão ou a internet, esses corpos, ou melhor, essas vidas íntimas tornam-se públicas. Vale destacar, entre esses fotógrafos-artistas, Alessandra Sanguinetti que, no livro, apresenta a fotografia *Vida mia*, de 2002, e teve um conjunto dessa série de fotos apresentado na 29ª Bienal de São Paulo. Natural de Nova York, Sanguinetti

[...] dedicou-se durante quatro anos a um projeto fotográfico realizado com duas primas que moravam na periferia de Buenos Aires. O trabalho girou em torno das escolhas das moças sobre como se apresentar, geralmente envolvendo *performances* teatrais e roupas especiais. O papel da fotógrafa é registrar ou facilitar a autoexpressão das moças, e não ser a coreógrafa de suas apresentações. O que decorreu desse relacionamento íntimo e confiante entre Sanguinetti e suas primas foi a possibilidade de tomar outras imagens, mais voltadas para a observação, e que flagram as moças quando estavam fora de seus personagens cênicos (COTTON, 2010, p. 156).

O sexto capítulo, "Momentos na história", mostra-nos como a fotografia pode servir de testemunha dos modos de vida e dos acontecimentos do mundo. É assim que Charlotte Cotton apresenta esse capítulo. Entre a perda do poder documental da fotografia e a sua relevância social. Essa abordagem temática nos revela um outro olhar e ainda uma outra qualidade técnica na produção de imagens em ambientes tensos, em cenários de guerra, de destruição, de conflito ou de abandono. O tempo desses fotógrafos não mais comprometidos com a notícia dos acontecimentos, mas com um olhar poético sobre os acontecimentos de fatos históricos, aproxima-nos de artistas como Goya ou Picasso em suas pinturas de cenas históricas.

No sétimo capítulo, "Revivido e refeito", a autora afirma que a análise pós-modernista tem nos oferecido alternativas para compreendermos o sentido de fotografias, diferentemente dos preceitos modernistas. No cenário da pós-modernidade, as fotografias são vistas como sinais que adquiriram seu significado ou valor a partir de sua inserção num circuito social, cultural e artístico. Nesse contexto, o significado de uma imagem é determinado em relação a outras imagens ou sinais. É nessa abordagem que se insere a obra de Cindy Sherman. Fotografias capazes de nos fazer tomar consciência do que vemos. Imagens que pressupõem um repertório imagético ao espectador para que esse faça suas próprias associações. Trish Morrisey e Gillian Wearing buscam, nas suas próprias experiências em família, as imagens dos álbuns de família para construir montagens cênicas para a produção de suas fotografias. É nesse grupo de artistas-fotógrafos que se insere o brasileiro Vik Muniz, com suas apropriações de imagens recorrentes e produzidas com materialidades surpreendentes capturadas pelo instante da fotografia. Nessa perspectiva pós-modernista, fotógrafos-artistas contemporâneos são conscientes da possibilidade de propor a percepção do mundo contemporâneo a partir do legado imagético já conhecido.

O título do oitavo e último capítulo, "Físico e material", inspira-se num texto da artista Tacita Dean, de 2006, sobre a diferença ou indiferença entre a fotografia análoga e digital. Reparar ou não nessa diferença? A fotografia digital e a valorização dessa materialidade. Como a quantidade de informações visuais à nossa disposição afeta nossa leitura das imagens e nossa relação com elas é o alvo da investigação dos artistas analisados pela autora nesse capítulo.

Hoje, essas questões passam a ser também minhas questões para meu projeto de doutorado.

Sendo assim, encerro esta investigação no texto de Charlotte Cotton, certa de que este pode contribuir muito para reflexões e futuras produções acerca do meu tema. Agradeço a oportunidade dessa leitura. Não estou certa de que faço aqui exatamente uma resenha do livro, mas estou certa das contribuições que essa tarefa me proporcionou.

A autora Charlotte Cotton é a diretora de criação do Museu Nacional da Mídia do Reino Unido. Anteriormente, foi curadora e chefe do Departamento Wallis Annenberg de Fotografia do Museu de Arte do Condado de Los Angeles, diretora de programação da Galeria dos Fotógrafos de Londres e curadora de fotografia do Museu Victoria & Albert de Londres. Charlotte Cotton já foi curadora de diversas exposições de fotografia contemporânea e é autora e organizadora de publicações como *Imperfect beauty* [Beleza imperfeita], *Then things went quiet* [Então as coisas ficaram quietas] e *Guy Bourdin*.

Annateresa Fabris é historiadora, crítica de arte, pesquisadora do CNPq e professora do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade de São Paulo. Tadeu Chiarelli é diretor do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e coordenador do Grupo de Estudos Arte&Fotografia do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP).

Recomendo a leitura desse livro a fotógrafos, artistas visuais, estudantes e profissionais da área da comunicação e arte que tenham na imagem fotográfica seu foco de interesse, e também aos que investigam a produção contemporânea de arte e a representação do corpo humano vivo ou a ausência deste em espaços vistos por um olhar humano mediado pela câmera fotográfica.

COTTON, C. *A fotografia como arte contemporânea*. Tradução Sílvia Maria Mourão Netto. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 248 p.